

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Manuel Antônio de Almeida

Professora Maria Clara Celligoi

COC Piracicaba

ROMANTISMO :

Período literário da primeira metade do século XIX.

CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL:

Nos últimos 25 anos do século XVIII, o Romantismo é a nova moda nas letras universais, a Alemanha e a França são consideradas as pátrias desse novo estilo:

Alemanha - Goethe publica *Werther*, em 1774, na Alemanha, lançando o sentimentalismo romântico e o suicídio como fonte de escapismo; Schiller, com *Os salteadores*, tem como escapismo a volta ao passado histórico, e o herói nacional com o drama *Guilherme Tell*, herói nacional na luta pela independência. **Inglaterra** - destaque para o Ultra-Romantismo de Lord Byron e o romance histórico de Walter Scott. Mas a **França** é o centro divulgador do Romantismo.

Isso aconteceu em função do espírito revolucionário da arte romântica, que casava muito bem com a rebeldia dos opositores do Antigo Regime francês. A

vitória da liberdade, da igualdade e da fraternidade na **Revolução Francesa** (1789) colocou no centro do cenário político europeu uma nova classe social, a **burguesia**, cujo predomínio político e econômico já se fazia sentir na prática. Esta classe acabou se tornando o principal veículo do novo estilo literário, que se espalhou por toda a Europa, junto com os ideais revolucionários franceses.

O aspecto social é delineado por duas classes distintas durante a Revolução: a classe dominante é a burguesia capitalista industrial e a dominada é o proletariado. Logo, conclui-se que o Romantismo é uma arte da burguesia para a burguesia, o que faz com que a **cultura popular**, em oposição aos modelos artísticos sacralizados seja assumida como instrumento de reação ao predomínio da arte clássica, vigente no período literário anterior (Arcadismo/ Neoclassicismo).

Os **romances de folhetim** auxiliavam na tarefa de imprimir ao conjunto da sociedade os valores morais e políticos burgueses, daí a literatura romântica ser uma literatura de entretenimento.

A rebeldia dos primeiros tempos se acentuaria, na medida em que as propostas iniciais da Revolução Francesa não fossem cumpridas pela burguesia, que passou a marginalizar do poder vários setores sociais, cujas aspirações não eram atendidas. Por outro lado, o modelo de desenvolvimento inglês adotado na **Revolução Industrial** de meados do século XVIII, baseado na acumulação desenfreada de capital e na introdução da máquina no processo de produção, sacrificava os trabalhadores, que passaram a conviver com o desemprego, o subemprego e a miséria. O descontentamento dos artistas

românticos diante desse quadro social se manifestaria de diversas formas: de um lado, uma postura

de fuga e distanciamento (**escapismo**), de outro, uma posição mais combativa e crítica, que originou o **condoreirismo** do final do período romântico.

Portugal: O início do século XIX foi particularmente conturbado em Portugal. A dependência econômica em relação à Inglaterra era total. Quando Napoleão Bonaparte decretou o Bloqueio Continental (1806), determinando que nenhum país do continente europeu mantivesse comércio com a Inglaterra, o governo Portugal teve que desobedecer e por isso foi invadido pelo exército napoleônico.

A Família Real portuguesa fugiu e veio para o Brasil em 1807. Os franceses foram expulsos pelos ingleses, que passaram a administrar o país.

Com a chegada da Corte, em 1808, o Rio de Janeiro torna-se o centro irradiador das novas influências européias, contribuindo assim para a Colônia caminhar rumo à independência.

Brasil: O Romantismo brasileiro surgiu em meio a um conturbado período, pois de 1823 a 1831 tem-se o reflexo do autoritarismo de D. Pedro I: a dissolução da Assembléia Constituinte, a Constituição outorgada, a Confederação do Equador, a luta pelo trono português contra seu irmão D. Miguel e a abdicação; e em seguida, o período regencial e a maturidade prematura de D. Pedro II. Assim, percebe-se que no Brasil, após 1822, o **nacionalismo**, quer seja através da exaltação da pátria, quer através da volta ao passado histórico, ajudava a camuflar as crises sociais e econômicas do país.

- Vale a pena lembrar-se de que no Brasil, as manifestações românticas começaram a aparecer nas últimas produções árcades: as sátiras de Tomás Antônio Gonzaga e de Silva Alvarenga e o indianismo já presente nos épicos, Caramuru, de Basílio da Gama e O Uruguai de Santa Rita Durão.

CARACTERÍSTICAS GERAIS:

O caráter libertário da Revolução Francesa gera nas artes, a **liberdade expressiva** - segundo Victor Hugo, um dos mais importantes românticos franceses: “não há regras nem modelos”. Isto queria dizer

que a arte romântica deveria ser original, sem modelos pré-estabelecidos como no período anterior. A **originalidade** estava ligada à expressão dos estados de alma do indivíduo, o **subjetivismo** (manifestação dos sentimentos) e o **egocentrismo** (a insistência na tematização do próprio eu), à linguagem coloquial e na poesia, à abolição formal (versos livres e brancos).

A temática romântica estava ligada ao universo interior do sujeito, mas abrangia aspectos do mundo exterior que lhe diziam respeito. Assim, as particularidades regionais (a chamada “cor local”) ganharam destaque: o **nacionalismo**. Da mesma forma, a subjetividade predominava nas descrições da natureza, fazendo-a refletir o estado de espírito do Poeta.

Conclusão: o **sentimentalismo** dominou a expressão romântica, que recusava qualquer tipo de racionalidade e autocontrole. Tratava-se de **valorizar os estados oníricos**, isto é, aqueles ligados ao sonho, à fantasia, à imaginação, ao delírio, à loucura.

- **Maniqueísmo:** A Verdade absoluta e a realidade científica de fatos não faziam o menor sentido para o artista romântico (mas farão para o Realismo): ele optava por um processo de **idealização**, criando um mundo à parte. Muitas vezes, essa idealização acabava caindo no **maniqueísmo** (crença na existência de dois pólos

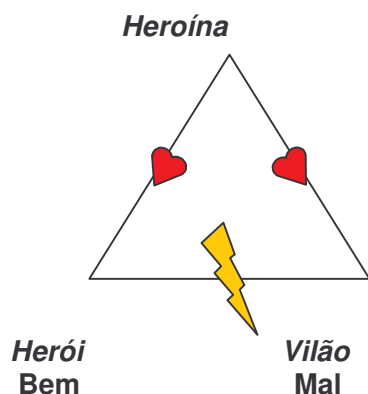
sociais e morais opostos: o Bem e o Mal). Na luta do BEM X o MAL, o Bem é sempre vencedor.

- **Personagens planos:** os personagens, fisicamente, refletem o ideal burguês, são belos e perfeitos e o comportamento reflete o maniqueísmo, pois dividem-se em

Protagonista X Antagonista

Herói	X	Vilão
Bem	X	Mal

- **Edificação moral:** Na luta do Bem X Mal, o Bem é sempre vencedor
- **Idealização do amor e da mulher:** nas três gerações, os românticos, levados pelo subjetivismo intenso, idealizam o amor e a mulher (vista como ser superior, virgem, frágil (fisicamente, tem-se a mulher macilenta), espiritualizada), vistos como inatingíveis; é a sublimação do amor.
- **Sofrimento amoroso:** platonismo, vassalagem amorosa.
- **Triângulo amoroso:**



Escapismo: fuga da realidade, quer seja na volta ao passado histórico (1ª Geração), quer na idealização da morte (2ª Geração).

Religiosidade: no resgate dos padrões morais, aparece às vezes aliada aos protagonistas, outras vezes funcionando como obstáculo amoroso - este último gerou obras em que se percebe a tese contra o celibato clerical e a vocação forçada. Ex.: no Romantismo português, *Eurico, o presbítero, de Alexandre Herculano* e no Brasil, *O Seminarista, de Bernardo Guimarães*.

Obstáculo amoroso: tentam ou impedem o amor: família, religião e vilão.

Passionalismo: a não concretização do amor leva à loucura ou à morte.

AS GERAÇÕES ROMÂNTICAS:

Os românticos, levados pelo subjetivismo e pela imaginação criadora deixaram-nos um legado de três gerações:

1ª. Nacionalista/ saudosista:

Na tentativa de resgatar o nacionalismo, tem-se:

O nacionalismo: volta ao passado histórico glorioso da pátria, mítico e lendário. Em Portugal tem-se o medievalismo e no Brasil, o indianismo.

O saudosismo: a saudade da pátria distante ou o retorno à infância (este último também presente nas outras gerações.

2ª. Ultra-romântica/ byroniana/ mal-do século:

O autor volta-se para o eu, torna-se egocêntrico, coloca-se como centro do universo, torna-se um inadaptado à realidade; dá a atração por ambientes noturnos, sombrios e solitários. O seu egocentrismo leva-o ao tédio e pessimismo perante a vida; daí a necessidade de fugir através do ópio, álcool, ou idealização da morte.

3ª. Condoreira/ social/ hugoana/ abolicionista:

As mudanças econômicas, sociais e políticas, fazem com que a literatura seja mais próxima da realidade; refletindo as agitações da época, é a poesia de palanque, declamatória, social, sendo influenciada pela decadência do regime monárquico, pelo ideal de República, ou pela luta abolicionista.

MARCO INICIAL DO ROMANTISMO:

- **Portugal:**

1825 – *Camões*, de Almeida Garret

Gêneros literários: **poesia e prosa**

Gerações: 1ª. – Nacionalista/ Saudosista: Almeida Garret e Alexandre Herculano

2ª. - Ultra – romântica : Camilo Castelo Branco

3ª. - Condoreira, social ou Hugoana: Júlio Dinis

- **Brasil:**

Poesia:

1836 – *Suspiros poéticos e saudades*, de Gonçalves de Magalhães

Gerações: 1ª. – Nacionalista/ Saudosista/ Indianista: Gonçalves Dias

2ª. – Ultra-romântica/ Mal do século/ Ultra-romântica: Álvares de Azevedo e Fagundes Varela

3ª. – Condoreira/ social/ abolicionista: Castro Alves

Prosa:

1854– *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo

- O Romantismo brasileiro – **prosa de ficção** – divide-se em:

Romance urbano, social ou de costumes: retrata com fidelidade os costumes da burguesia carioca do século XIX.

Autores: José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Manuel Antônio de Almeida.

Romance indianista: o índio é o verdadeiro elemento nacional, aparece amalgamado à natureza, em conciliação com a fauna e flora.

Autor: José de Alencar.

Romance histórico: fatos históricos com conteúdo romanesco

Autor: José de Alencar.

Romance regionalista: retrata os costumes e regiões brasileiras.

Autores: José de Alencar, Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay e Franklin Távora.

Obra: MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Autor: *Manuel Antônio de Almeida*

PERÍODO LITERÁRIO:

Cronologicamente, encaixa-se no **Romantismo - prosa de ficção**, mas o enredo, personagens e linguagem fogem do mesmo, dando a impressão de um Romantismo às avessas.

Classificação da obra:

Novela de costumes, mas uma exceção ao próprio Romantismo, pois retrata não os costumes da burguesia carioca da segunda metade do século XIX, mas sim os costumes do povo carioca da primeira metade do século XIX, daí ser uma novela picaresca.

ENREDO:

I – ORIGEM, NASCIMENTO E BATISMO

É a apresentação do protagonista Leonardo. O narrador, baseando-se na história que um sargento de milícias aposentado lhe contou, narra a vida e os costumes do Rio de Janeiro na época em que D. João VI esteve no Brasil, daí iniciar com: *Era no tempo do rei.* – volta a um passado não muito distante.

No Rio de Janeiro, na rua do Ouvidor, havia um local em que os meirinhos se reuniam, daí o nome o canto dos meirinhos, os meirinhos da época em que vivia o narrador, Segunda metade do século XIX, eram apenas uma sombra caricata daqueles do tempo do rei, gente temida e temível, respeitada e respeitável e a

sua influência moral era a de formarem um dos opostos da cadeia judiciária; mas além da influência moral tinham também a influência que derivava de suas condições físicas, que é o que falta nos meirinhos de hoje (época em que vivia o narrador da obra), estes são homens como quaisquer outros, confundem-se com qualquer procurador, escrevente de cartório ou contínuo de repartição; já os da época do rei eram inconfundíveis tanto no semblante quanto no trajar: “sisuda casaca preta, calção e meias da mesma cor, sapato afivelado, ao lado esquerdo aristocrático espadachim, e na ilharga direita penduravam um círculo branco cuja significação ignoramos, e coroavam tudo isto por um grave chapéu armado. Nesta época ele podia usar e abusar da sua posição.

Após a comparação, o narrador chama o leitor para participar da narrativa, usando para isso, a primeira pessoa do plural: “*Mas voltemos à esquina , à abençoada época do rei*”, e lá apresenta-lhe a equação meirinha; um grupo de meirinhos conversando sobre tudo que era lícito conversar: vida dos fidalgos, fatos policiais e astúcias do Vidigal. No grupo destacava-se Leonardo- Pataca, uma rotunda e gordíssima figura de cabelos brancos e carão avermelhado; era moleirão e pachorrento; como era moleirão, ninguém o procurava para negócios e ele nunca saía da esquina, passava os dias sentado, tendo a sua infalível companhia depois dos cinquenta, a bengala. Como sempre se queixava dos 320 réis por citação, deram-lhe o apelido de Pataca. Cansado de ser o Leonardo algibebe de Lisboa viera ao Brasil e não se sabe por proteção de quem havia alcançado o posto de meirinho. Ainda a bordo do navio, conhecera Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, salaia rechonchuda e bonitota. Ele, ao passar, fingiu-se de distraído e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda.

De beliscões e pisadelas, tornaram-se amantes e quando saltaram em terra ela começou a sentir certos enojos. Os dois foram morar juntos e sete meses depois, manifestaram-se os efeitos da pisadela, nasceu o herói dessa história, um formidável menino de quase três palmos de comprido, gordo e vermelho, cabeludo,esperneador e chorão. Assim que nasceu, mamou duas horas seguidas, sem largar o peito.

Os padrinhos de batismo foram a madrinha parteira e o compadre barbeiro, foi uma festança; o compadre trouxe a rabeça e todos dançaram o fado e apesar da dificuldade em encontrar pares, o minuete; Leonardo queria uma festa chic, mesmo com dificuldade em achar pares. Levantaram: uma mulher gorda, baixa e matrona, sua companheira, cuja figura era a mais completa antítese da sua, um colega do Leonardo, miudinho e pequenino, com ares de gaiato e o sacristã da Sé, alto e magro, com pretensões de elegante.

Enquanto compadre tocava o minuete na rabeça o afilhadinho acompanhava cada arcada com um guincho e um esperneio, fazendo o compadre perder, várias vezes, o compasso. Aos poucos o minuete foi desaparecendo e a coisa esquentou, chegaram os rapazes da viola e machete; logo, a coisa passou de burburinho para gritaria e algazarra, que só parou quando perceberam que o Vidigal estava por perto.

A festa acabou tarde. A madrinha foi a última a sair, mas antes colocou um raminho de arruda no pimplho.

II – PRIMEIROS INFORTÚNIOS

O narrador, chama o leitor para pularem alguns e irem encontrar o herói com sete anos mas antes avisa que durante todo esse tempo o menino não desmentiu aquilo que já se anunciava, ou seja, desde o nascimento já atormentava: ainda bebê era o choro, mas assim que se pôs a andar era um flagelo, quebrava

e rasgava tudo o que podia; o que mais gostava era do chapéu do pai e sempre que podia por-lhe as mãos, punha-lhe dentro tudo o que encontrava. Quando não traquinava, comia. Maria não lhe perdoava, tanto que o menino trazia uma região do corpo bem maltratada, mesmo assim ele não se emendava, era teimoso, suas travessuras recomeçavam mal acabava a dor das palmadas. Foi assim que o herói chegou aos sete anos.

Como a mãe, Maria, sempre fora saloia, o pai, Leonardo, suspeitava de que estava sendo traído: várias vezes viu um certo sargento se esgueirando e enfiando olhares curiosos janela adentro. Outras vezes estranhou que um certo colega sempre ia procurá-lo em casa; mas o mais grave foi, não só se deparar

várias vezes com um certo capitão do navio de Lisboa junto de sua casa, como também, vê-lo fugir pela janela. Não aguentou, cerrou os punhos e tremendo com todo o corpo, gritou: — *Grandessíssima!...*, em seguida, saltou sobre Maria. Ela saltou para trás, pôs-se em guarda e sem temer advertiu-o: — *Tira-te lá, ó Leonardo!* Como a sua resistência, frente ao ódio de Leonardo, era inútil, começou a correr e pedir socorro ao compadre Barbeiro que, ensaboando a cara de um freguês, nada pôde fazer, restando à Maria, encolher-se em um canto.

O menino, no maior sangue-frio, enquanto rasgava as folhas dos autos que o pai havia largado ao entrar, assistia à mãe que apanhava.

Quando o pai estava se acalmando, viu a obra do filho e tornou a se enfurecer: suspendeu o menino pelas orelhas, fazendo-o dar meia volta; em seguida ergueu o pé direito e dizendo que era filho de uma pisadela e de um beliscão, assentou-lhe em cheio sobre os glúteos, atirando-o a quatro braças de distância.

O menino ergueu-se rapidamente e em três pulos estava dentro da loja do padrinho; nem bem havia entrado, esbarrou na bacia de água com sabão que estava nas mãos do padrinho e acabou batizando o freguês com toda aquela água.

Como na época, era comum espionar a vida alheia, o barbeiro já suspeitando do ocorrido, foi à casa do compadre que lhe informou ter perdido a honra.

Só com a chegada do barbeiro é que Maria, sentindo-se protegida, apareceu e cheia de coragem, pôs-se a zombar e a xingar toda a classe masculina. Depois de ter levado a segunda fase de murros, enquanto ela chorava em um canto, Leonardo, com olhos e bochechas vermelhas, juntou os papéis rasgados, a bengala e o chapéu e saiu batendo a porta.

À tarde quando o compadre retornou à casa, decidido fazer as pazes com Maria, ela não estava mais lá, havia fugido com o capitão do navio de Lisboa.

Leonardo saiu sem explicações e o pequeno ficou com o Compadre Barbeiro que acabará por criá-lo.

III – DESPEDIDAS ÀS TRAVESSURAS

O pequeno, enquanto se achava novato na casa do padrinho, portou-se com sisudez e seriedade, mas assim que foi se familiarizando com o novo ambiente, começou a pôr as manguinhas de fora; mesmo assim, o padrinho estava cego de afeição pelo menino, tanto que por pior que fosse a travessura do garoto ou malcriação, ele achava graça dizendo serem atitudes ingênuas. A atitude do padrinho era natural, visto que ele já tinha 50 e tantos anos, nunca tinha tido afeições; passara sempre só, isolado; era verdadeiro partidário do mais decidido celibato.

seu amor pelo pequeno subiu ao grau de rematada cegueira. O menino, aproveitando-se da imunidade em que se achava por tal motivo, fazia tudo quanto lhe vinha à cabeça.

O menino era de fato endiabrado: várias vezes sentado na loja divertia-se em fazer caretas aos fregueses enquanto eram barbeados. Uns riam e outros se enfureciam ao saírem com a cara cortada, Outras vezes escondia em algum canto a mais afiada navalha do padrinho, e o freguês, durante muito tempo, esperava com o rosto ensaboado.

Em casa, nada ficava inteiro por muito; pelos quintais atirava pedras aos telhados dos vizinhos. Sentado à porta da rua, entendia com quem passava e com quem estava pelas janelas, de maneira que ninguém por ali gostava dele. O padrinho porém não se dava disto, e continuava a querer-lhe sempre muito bem. Desempenhando o papel de pai, passava às vezes, as noites fazendo castelos no ar a seu respeito; sonhava-lhe uma grande fortuna e uma elevada posição, e tratava de estudar os meios para chegar a esse fim. Queria o melhor para o menino, já que havia se arranjado na vida, pensava até em enviá-lo para Coimbra, **(segundo o narrador, como um bafeiro havia se arranjado na vida e conseguido dinheiro para isso, é assunto para outra história)**. O padrinho achava que a melhor profissão para o menino era a de clérigo.

Após ruminar por muito tempo essa idéia, certa manhã, uma Quarta-feira, chamou o pequeno, então com 9 anos, e disse-lhe que deveria se fartar de travessuras até o resto da semana, dali em diante, só aos domingos, após a missa. O pequeno levou a fala do padrinho ao pé da letra e achou que era uma licença ampla para fazer tudo o que quisesse, fosse bem ou mal. – **mas o padrinho quis dizer que seria a última semana de travessuras do menino, pois depois ele começaria a freqüentar a escola para futuramente ser padre.**

Ao anoitecer, sentado à porta, o padrinho viu de longe um acompanhamento alumiado pela luz de lanternas e tochas e ouviu padres rezarem. Era a via-sacra do Bom Jesus. O menino quando viu aquilo, estremecendo de alegria, lembrou se da fala do padrinho, “fartar-se de travessuras”; não perdeu tempo: misturou-se com a multidão, e lá foi concorrendo com suas gargalhadas e seus gritos para aumentar a vozeria. Com um prazer febril pulava, cantava, gritava, rezava e saltava, era um prazer febril; só não fez o que não tinha forças.

Para ajudar ainda mais as estrepolias, juntou-se com mais dois moleques e foram tantas, que quando deu por si a via-sacra já havia retornado à igreja do Bom Jesus.

IV –O FORTUNA

Enquanto o compadre, procura o afilhado por toda a parte, o narrador, ao convidar o leitor para ver o que era feito do Leonardo, acaba chegando nas bandas do mangue da Cidade Nova, em uma casa coberta de palha da mais feia aparência, possuía dois cômodos e a mobília compunha-se de dois ou três assentos de paus, algumas esteiras, uma caixa enorme de pau que servia para várias coisas: mesa de jantar, cama, guarda-roupa e prateleira. O morador dessa tapera era um feiticeiro, um caboclo velho, que conforme crença da época, tinha por ofício dar

fortuna. Não era só a gente do povo que acreditava, mas também muita gente da alta sociedade o procurava para comprar a felicidade pelo cômodo preço da prática de alguma imoralidades e superstições. - **Critica ao charlatanismo.**

Dentre a gente do povo que o procurava em busca de fortuna, temos o Leonardo Pataca por causa das contrariedades que sofria com um novo amor. Era uma cigana que Leonardo conhecera logo após a fuga de Maria, isso porque ele era romântico - termo que na época do narrador significa babão, já na época de Leonardo Pataca, significava que ele não podia passar sem uma paizãozinha. Como a sua profissão rendia não lhe era difícil conquistar a posse do adorador, mas a fidelidade, a unidade no gozo, que tanto desejava, não conseguira pois a cigana era tão saloia quanto Maria - da – Hortaliça.

Já que as súplicas naturais não surtiram efeito para conquistar a fidelidade da cigana, Leonardo foi buscar meios sobrenaturais no feiticeiro, fazendo-o se entregar de corpo e alma ao caboclo do mangue, além de contribuir com dinheiro, já ter sofrido fumigações de ervas sufocantes, tragar bebidas enjoativas; decorar milhares de orações misteriosas, que era obrigado a repetir muitas vezes por dia e depositar quase todas as noites em lugares determinados quantias e objetos com o fim de chamar em auxílio. Apesar de tudo isso, a cigana resistia ao sortilégio. A última prova para a reconquista foi marcada para a meia-noite. À hora marcada Leonardo-se com o nojento nigromante que não permitiu que ele entrasse vestido, obrigou-o a trajar-se à moda de “Adão no paraíso” e após cobri-lo com um manto imundo, abriu-lhe a entrada. Lá dentro, após ajoelhar-se e rezar em todos os cantos da casa, Leonardo aproximou-se da fogueira. Quatro figuras saíram do quarto e foram juntar-se a eles e todos dançavam sinistramente ao redor da fogueira, quando de repente, bateram levemente a porta e pediram para abri-la, o que fez com que todos de dentro se sobressaltassem: era o major Vidigal.

V – O VIDIGAL

Nessa época ainda não estava organizada a polícia da cidade, portanto o major era rei absoluto, era o árbitro supremo de tudo que dizia respeito a esse ramo de administração; era o juiz que julgava e distribuía a pena, e ao mesmo tempo o guarda que dava caça aos criminosos. Nas causas da sua imensa alçada não havia testemunhas, nem provas, nem razões, nem processo; ele resumia tudo em si; a sua justiça era infalível; não havia apelação das sentenças que dava. Ele fazia o que queria, e ninguém lhe tomava contas.

Exercia enfim uma espécie de inquirição policial. Entretanto, frente aos costumes e acontecimentos da época, ele não abusava muito de seu poder, e o empregava em certos casos muito bem empregado. Era um homem alto, não muito gordo, com ares de moleirão; tinha o olhar sempre baixo, os movimentos lentos, e voz descansada e adocicada. Apesar deste aspecto de mansidão, não se encontraria por certo homem mais apto para o seu cargo inquisidor.

O major Vidigal juntamente com uma companhia de soldados escolhido por ele rondavam a cidade à noite e a sua polícia durante o dia. Não havia um lugar em que a sagacidade do major não caçasse vagabundos. Ele espalhava terror.

O som daquela voz que dissera “abra a porta” gerou medo nos integrantes da sala, era o prenúncio de um grande aperto, com certeza não conseguiriam escapar. Mesmo assim, o grupo pôs-se em debandada, tentaram sair pelos fundos, mas a casa estava cercada e todos foram pegos em flagrante delito de nigromancia.

O major por sua vez, já dentro da casa, pediu-lhes que continuassem com a cerimônia pois queria ver como era. Resistir era inútil, então, após hesitarem, recomeçaram o ritual. Já fazia meia hora que dançavam andando ajoelhados, mas sempre que paravam, o major pedia para continuarem. Muito tempo depois pararam, mas o major pediu-lhes para continuarem. Não agüentavam mais, mas o major pedia para continuarem. Muito, mas muito tempo depois, quando já se arrastavam, o major ordenou-lhes que parassem e pediu aos granadeiros para tocarem, o que fez os soldados arrancarem as chibatadas e o grupo feiticeiro dançar muito mais.

Depois de reger a música para a dança frenética, o major Vidigal começou o interrogatório: Perguntou a ocupação de um por um e nada ouviu, até que chegou a vez do Leonardo Pataca, reconheceu-o e quando o pobre homem explicou-lhe o motivo de tudo aquilo, o major prontificou-se a curá-lo e arrastou-o para a casa da guarda no largo da Sé, uma espécie de depósito que guardava os que haviam sido presos durante a noite até dar-lhes um destino.

Ao amanhecer, toda a cidade já sabia do ocorrido e Leonardo foi mandado para a cadeia o que fez os companheiros mostrarem-se sentidos, a princípio, para logo depois acharem ótimo um concorrente a menos.

VI – PRIMEIRA NOITE FORA DE CASA

Voltando à noite em que o afilhado pôs-se a acompanhar a procissão....

Assim que deu por falta do afilhado, o compadre, todo aflito, pôs-se a procurar pela vizinhança, mas ninguém tinha notícias do menino. Lembrou-se então da via-sacra e pôs-se a percorrer as ruas indagando a todos pelo seu tesouro. Quando chegou ao Bom-Jesus, informaram-lhe terem visto três endiabrados que foram expulsos da igreja. Essa era a única pista que tinha.

Retornou a sua casa e ao indagar novamente a vizinha, exasperou-se quando esta lhe respondeu que o menino tinha maus bofes e que a história não teria um bom final.

O pobre homem passou a noite em claro e decidiu, antes de pedir ajuda ao Vidigal, esperar mais um dia.

Enquanto o compadre espera, o narrador conduz o leitor ao paradeiro do menino.

Junto com os emigrados de Portugal, veio também para o Brasil, a praga dos ciganos, gente ociosa e sem escrúpulos, tão velhacos que quem tivesse juízo não se metia com eles em negócios; quanto a poesia de seus costumes e crenças, deixaram do outro lado do oceano, trazendo para cá, apenas os maus hábitos. Viviam quase na ociosidade, não tinham noite sem festa. Moravam ordinariamente nas ruas populares e viviam em plena liberdade.

Os dois meninos, com quem o pequeno fizera amizade, eram de uma família dessa gente e acostumados à vida à toa, conheciam toda a cidade, percorriam-na sós. Após se conhecerem na via-sacra, carregaram o pequeno para a casa dos pais. Pelo caminho o menino ainda teve escrúpulos de voltar mas decidiu seguir os dois e ir até onde iriam. Lá, como era de se esperar, havia uma festa para o santo de sua devoção.

Daí a pouco começou o fado e o menino, esquecido de tudo pelo prazer, assistiu a tudo enquanto pôde; mas ao chegar o sono, reuniu-se com os companheiros em um canto e adormeceram, embalados pela música e sapateado.

Acordou sobressaltado e pediu aos companheiros que o levasse para casa.

Quando o padrinho ia recomeçar a busca, esbarrou no afilhado e ao interrogá-lo, o menino respondeu que como ele queria torná-lo padre, tinha ido ver um oratório e acabou pegando no sono.

O padrinho, não resistiu à ingenuidade do afilhado e sorrindo levou-o para dentro.

VII – A COMADRE

Vale agora falar um pouco de uma personagem importante na história: é a comadre, a parteira e madrinha do memorando.

Era uma mulher baixa, gorda, bonachona, ingênua ou tola até certo ponto, e fina até outro.

Vivia do ofício de parteira e de benzedeira. Era conhecida como beata e papa-missas.

O seu traje habitual era como já se esperava, igual ao de todas as mulheres da sua condição e esfera: uma saia de lila preta, que se vestia sobre um vestido qualquer, um lenço branco muito teso e engomado ao pescoço, outro na cabeça, um rosário pendurado no cós da saia, um raminho de arruda atrás da orelha, tudo isso coberto por uma clássica mantilha, junto à renda da qual se pregava uma pequena figa de ouro ou de osso.

O uso da mantilha era um arremedo espanhol e segundo o narrador era uma coisa poética pois revestia as mulheres de um certo mistério, realçava lhes a beleza, mas a mantilha das mulheres brasileiras era muito mais prosaico do que se podia imaginar, principalmente usadas por gordas e baixas e usadas nas brilhantes festas religiosas, aqueles vultos negros que se uniam cochichando, davam à igreja, um ar lúgubre.

Apesar de tudo, a mantilha era o traje mais conveniente da época, posto que as ações dos outros era o principal cuidado de quase todos, era necessário ver sem ser visto. Funcionava como um observatório da vida alheia. ***Mais uma vez o costume de espionar a vida alheia é mencionado aqui .***

O fato de ser parteira, beata e curandeira, tomava-lhe muito tempo, tanto que fazia tempo que não via nem sabia nada do compadre, do Leonardo, da Maria e do afilhado, até que um dia na Sé, ouviu as beatas comentarem sobre Maria Ter apanhado de Leonardo, Ter fugido com um capitão e o filho, um malcriadão, Ter ficado com o barbeiro.

Ao ouvir a história, pôs-se rumo à casa do barbeiro, lá chegando questionou o fardo deixado para o homem carregar. Após Ter respondido ao interrogatório da comadre, pôs-se a defender o pequeno, dizendo ser sossegadinho, gentil e Ter intenções de ser padre. A comadre não concordou e retirou-se.

A partir desse dia, a comadre sempre aparecia na casa do compadre.

O padrinho, não desistindo de seus sonhos, pôs se a ensinar o ABC ao afilhado, que empacava no F.

VIII – O PÁTIO DOS BICHOS

Após apresentar a comadre, o narrador volta a informar o paradeiro de Leonardo...

No palácio del-rei, conhecido nos tempos do narrador como paço imperial, existia no saguão, uma saleta, conhecida com salão dos bichos, apelido dado em consequência de seu uso: Diariamente, passavam por ele três ou quatro oficiais superiores velhos, incapazes para a guerra e inúteis para a paz, eram pouco usados pelo rei, logo passavam ociosos a maior parte do tempo. Dentre eles, destaca-se um português, era o tenente-coronel. A sua importância na história, por enquanto, é que foi ele quem a comadre procurou para pedir a libertação de Leonardo.

Após ouvi-la, o velho colocou o chapéu armado, pôs a espada à cinta e saiu. Em breve, saber-se-á do resultado.

IX – O ARRANJEI-ME DO COMPADRE

Enquanto o tenente-coronel vai ajudar a comadre, o narrador conduz o leitor para alguns fatos do compadre ainda não revelados: o barbeiro nada sabia de seus pais ou parentes e quando jovem, achou-se na casa de um barbeiro, não sabia se estava lá como filho ou agregado; não só cuidava do barbeiro como também herdara dele a profissão.

Já adolescente, sabia barbear e sangrar sofrivelmente e como jamais conseguiria se manter com essa profissão, visto que o sucesso e fregueses cabiam ao seu mestre, saiu sem rumo. Como todo barbeiro é tagarela, conheceu um marujo que acabou colocando-o a bordo, como barbeiro e sangrador.

A bordo, ganhou fama quando sangrou e curou dois marujos doentes e com sua lanceta e não deixou nenhum negro do carregamento morrer.

Poucos dias antes de chegar ao Rio, o capitão do navio adoeceu e nem com a Quarta sangria ele melhorou. Havia chegado a hora do capitão, não havia sangria que o salvasse. Moribundo e em segredo, o capitão, que confiava no barbeiro, entregou-lhe uma

caixa, deu-lhe o endereço e pediu-lhe que entregasse à sua filha, em seguida disse que espiaria a sua tarefa lá do outro mundo. Logo após, morreu. A partir daí, o barbeiro já não sangrava mais como antes e decidiu não embarcar mais. Quanto a história do capitão, sequer havia testemunhas então, o compadre instituiu-se como herdeiro do capitão. Foi assim que ele se arranjou na vida.

X – EXPLICAÇÕES

O velho tenente-coronel, apesar de virtuoso, bom e de estar numa idade inofensiva, tinha um sofrível par de pecados da carne, tanto que aos 36 anos havia deixado em Lisboa, um filho que aos 20 anos era um cadete desordeiro, jogador e insubordinado. Deixava o pai, um homem de respeito, desesperado.

Poucos dias antes de embarcar para o Brasil, em companhia de el-rei, o infeliz pai foi procurado por uma mulher velha, baixa, gorda e vermelha, vestida, segundo o costume das mulheres da mais baixa classe do seu país: um vestido de chita e um lenço branco, triangular sobre a cabeça e preso embaixo do queixo.

Estava nervosa e agitada, seus lábios franzinos e franzidos estavam apertados um contra o outro, como se segurasse uma torrente de injúrias. Assim que chegou em frente ao capitão, era esse o posto do velho tenente-coronel na época, olhou-o com ar resoluto e enfurecido, fazendo-o, instintivamente, dar um passo atrás.

Ela, colocando as mãos nas cadeiras e chegando a boca bem perto do rosto do capitão, logo já se pôde deduzir: o problema era com o filho do capitão que pôs-se a namorar Mariazinha, filha da velha nervosa. Segundo a mulher, foi namoro pra lá, namoro pra cá e... **brás!..**

O capitão foi às nuvens. A mulher ainda afirmou que o rapaz havia prometido casamento a filha.

Após pensar um segundo, viu que não poderia deixar o filho casar-se com a filha de uma colareja e além do mais, o que ele ganhava como cadete não era suficiente para o rapaz sustentar uma família.

Então, o capitão, após pensar no caso, procurou pela mulher e ofereceu alguma coisa para que ela se calasse e não estourasse.

Não deu para ele pensar muito no assunto, pois quando a família real veio para o Brasil, ele, deixando o filho aos cuidados de conhecidos, veio também.

Já no Brasil, anos depois, soube que a tal Mariazinha estava no Rio de Janeiro, em companhia de Leonardo. Era a Mariazinha, a famosa Maria-da-Hortaliça.

Agora sabe-se o porquê de o velho tenente-coronel prometer ajudar Leonardo: acontece que o velho, procurando satisfazer o seu escrúpulo de pai honrado, fazia o que podia pela moça que seu filho havia desonrado. Ele, em segredo havia feito um trato com a comadre ou seja, qualquer necessidade que Maria-da-hortaliça sofresse, ele supriria, bastaria que a comadre o informasse. ***A desonra de Maria-da-hortaliça pelo filho do tenente-coronel acaba por deixar uma interrogação quanto a paternidade do menino: o herói, afinal, era filho de Leonardo ou do filho do tenente-coronel?***

Como a comadre o ajudava, ele deveria ajudá-la, é essa troca de favores que fê-lo, assim que falou com a comadre, ir à cadeia e ouvir a história vinda da boca de Leonardo e depois ir à casa de um amigo fidalgo. Lá, o amigo prometeu ajudar.

XI – PROGRESSO E ATRASO

Após todas essas explicações, apresentações e origem dos personagens, o narrador volta a se concentrar no afilhado do barbeiro, pois a última vez que fora mencionado estava enclachado no F e agora já está no P, de novo

empacado, mas o progresso do menino havia deixado o padrinho muito contente. O difícil era fazê-lo decorar o padre-nosso, em vez de dizer “venha a nós o vosso reino”, ele dizia : “venha a nós o pão nosso”. Já o maior suplício para o menino era ir à missa ou ao sermão.

Todos viam em Leonardo um grande peralta, principalmente a vizinha, chamada pelo barbeiro de “*o agouro do pequeno*”. O único que via no menino um futuro clérigo, era o compadre.

Era a tal vizinha uma dessas mulheres que se chamam de faca e calhau, valentona, presunçosa, e que se gabava de não ter papas na língua: era viúva, e importunava a todo o mundo com as virtudes do seu defunto. Ela não perdia tempo em desmentir o vizinho em suas esperanças a respeito do afilhado.

Certo dia, o barbeiro não suportou mais, isso foi quando ela perguntou- lhe, em zombaria, onde estava o seu reverendo. Isso fez o barbeiro, vermelho, ir às nuvens e quando ela perguntou se o menino já sabia o padre-nosso, o homem não aguentou e exasperado respondeu-lhe que o menino já sabia e que ele o fazia rezar todas as noites para seu marido que estava dando coices no inferno.

A mulher retrucou e chamou-o de raspa-barbas.

A discussão foi longe.

Quando o compadre perguntou à mulher o porquê de implicar tanto com uma criança que nunca havia lhe feito mal, ela respondeu que ele vivia jogando pedras no telhado, fazia-lhe caretas e a tratava como se fosse uma saloia ou mulher de barbeiro.

O menino ao ouvir tanto estardalhaço, pôs-se a porta e começou a arremedá-la. O compadre achou tanta graça que sentiu-se vingado e desatou a rir.

Terminada a acalorada discussão, o narrador aproveita para informar que o barbeiro sabia da prisão de Leonardo mas não se importava.

Assim que o velho tenente-coronel colocou Leonardo na rua, decidiu tomar o menino sob sua proteção, acreditando que se conseguisse felicitá-lo, lavaria o seu filho do pecado; tanto que pediu à comadre que oferecesse ao compadre seu préstimo para o pequeno. O compadre recusou e disse que era a sua

função, para tampar a boca da vizinhança, transformar o menino em gente. ***Nesse último parágrafo tem-se a confirmação: o velho tenente-coronel era o avô do menino.***

XII – ENTRADA PARA A ESCOLA

Para evitar repetir a história das mil travessuras do menino, que exasperaram a vizinhança e desgostaram a comadre sem reduzir a amizade do barbeiro pelo afilhado, o melhor é informar que os progressos do menino agradavam o padrinho, pois o pequeno já lia, sofrivelmente e aprendera a ajudar na missa.

Preocupado com o futuro da criança foi procurar um mestre, este era um homem todo em proporções infinitesimais, baixinho, magrinho, de carinha estreita e chupada, excessivamente calvo; usava de óculos, tinha pretensões de latinista, e dava bolos nos discípulos. Era um dos mais acreditados na cidade. O barbeiro entrou acompanhado do afilhado. Era Sábado, os bancos estavam cheios de crianças; os dois entraram exatamente na hora da tabuada cantada, uma espécie de ladainha de números, era monótono e insuportável, mas os meninos gostavam.

As vozes dos meninos, acompanhadas pelos passarinhos nas gaiolas, faziam uma algazarra de doer os ouvidos.

Na segunda-feira, lá estava o menino, munido de sua pasta a tiracolo, a sua lousa e o seu tinteiro de chifre. Logo no primeiro dia levou quatro fazendo-o declarar guerra viva à escola.

Na saída, assim que viu o padrinho, disse-lhe que não voltaria mais à escola, não queria Ter que apanhar para aprender.

O barbeiro ficou contrariado temendo que a maldita vizinha soubesse que o menino havia apanhado no primeiro dia de escola.

O pequeno só concordou em retornar caso o padrinho falasse ao mestre para não lhe bater mais. O padrinho, a fim de persuadi-lo, concordou.

Assim, o menino retornou à escola e como não ficasse quieto ou calado, foi colocado de joelhos e nessa posição foi surpreendido atirando uma bolinha

de papel nos colegas; resultado: doze bolos, o que fez o menino despejar sobre o mestre, todas as injúrias conhecidas.

Segundo o barbeiro, os bolos do primeiro dia deviam-se à praga da vizinha, mas ele venceria.

XIII – MUDANÇA DE VIDA

Foi com muito sacrifício que o compadre conseguiu fazer o menino frequentar a escola por dois anos, levando bolos todos os dias. Apesar de o mestre sustentar a fama de cruel, na verdade os bolos eram merecidos pois o menino era da mais refinada má-criação, sempre desobedecia a tudo que lhe era ordenado e não parava quieto.

Nunca uma pasta, um tinteiro, uma lousa lhe durou mais de 15 dias, era um velhaco que vendia aos colegas tudo o que podia Ter algum valor, empregando o dinheiro que conseguia, do pior modo que podia.

No quinto dia de escola disse ao padrinho que já sabia ir sozinho, este acreditou e o afilhado, então somou mais um apelido ao de apanha-bolos-mor, era o de gazeta-mor.

O lugar que mais ficava quando cabulava aulas era a igreja da Sé, pois reunia-se gente e várias mulheres com mantilha, de quem tomara certa zanguinha por causa da madrinha. Lá, no meio da multidão, não o encontrariam se o procurassem.

Como não saía da igreja, fez amizade com um pequeno sacristão tão peralta quanto ele, conseguiam se comunicar apenas com troca de olhares.

Essa vida durou muito tempo, até que o padrinho voltou a acompanhá-lo.

Então o menino decidiu que seria muito agradável acompanhar o colega sacristão, afogando em ondas de fumaça a cara da velha que chegasse mais perto e para isso comunicou ao compadre o seu desejo de frequentar a igreja, tinha nascido para aquilo. Para o padrinho, foi a maior alegria quando ouviu o menino pedir que o fizesse sacristão.

Em poucos dias aprontou-se, e em uma bela manhã saiu de casa vestido com a competente batina e sobrepeliz, e foi tomar posse do emprego. Ao vê-lo passar a vizinha dos maus agouros soltou uma exclamação de surpresa a princípio, supondo alguma asneira do compadre; porém reparando, compreendeu o que era, e desatou uma gargalhada e ao chamá-lo de Sr. Cura, o menino respondeu-lhe que o seria e haveria de curá-la. Era aquilo uma promessa de vingança.

O menino chegou à Sé impando de contente, a batina era como um manto real e foi na maior seriedade que entrou na função de sacristão. Já no dia seguinte, o negócio era outro: durante a missa cantada ele ficou com a tocha e o amigo, com o turíbulo, quando de repente, para infelicidade da vizinha, a quem o menino

prometera curar, sem pensar, colocou-se junto aos dois e bastou uma troca de olhar para se colocarem em distância e lugar conveniente: enquanto um, tendo enchido o turíbulo de incenso, e balançando-o convenientemente, fazia com que os rolos de fumaça que se desprendiam fossem bater de cheio na cara da pobre mulher, o outro com a tocha despejava-lhe sobre as costas da mantilha a cada passo plastradas de cera derretida, a mulher exaspera-se, mas ouve o menino dizer-lhe que a estava curando. Como a igreja estava lotada,

ela teve que aguentar o suplício até o fim. Terminada a missa queixou-se ao mestre-de-cerimônias e os dois ganharam uma tremenda sarabanda e o menino, mais uma vez prometeu vingança.

XIV – NOVA VINGANÇA E SEU RESULTADO

Apesar de os meninos não se importarem com a sarabanda, não perdoaram o mestre-de-cerimônias por tê-los humilhado em frente da vítima e resolveram desferrar e foi o caso assim: o pobre homem era um padre de meia idade formado em Coimbra na mais austeridade da igreja católica, poderia fornecer a Bocage assunto para um poema inteiro; pois apesar de, aparentemente, buscar por assunto a honestidade e a pureza corporal, a sua essência era sensual, fato que

muitos ignoravam, mas os dois pequenos estavam por dentro de tudo, tanto que sabiam que o padre enviava recados e objetos a uma cigana, a mesma de Leonardo Pataca.

Já fazia três ou quatro dias que o padre não saía por estar decorando o sermão, e um sacristão o avisaria quando chegasse a hora. Assim que o horário ficou pronto, os meninos não perderam tempo e o pequeno, tomando o lugar do sacristão, dirigiu-se à casa da cigana, lá deixou recado à mulher que o sermão seria às 10 horas, quando na realidade estava marcado para às 9.

No dia seguinte, às nove em ponto, começou a festa e nada do pregador aparecer, o que fez um capuccino italiano, por bondade, oferecer-se para improvisar o sermão, já havia começado quando o mestre entrou e ambos começaram a disputar o púlpito. Após o sermão, o mestre-de-cerimônias dirigiu-se ao menino, este se defendeu dizendo que a cigana era testemunha de que ele havia dito o horário certo. O Oh! Que soltaram foi geral, pois um pregador da boa moral na casa de uma cigana surpreendeu a todos.

Terminada a festa despediu o menino que nem se importou, pois o importante era que se sentia vingado.

XV – ESTRALADA

Leonardo, enquanto se lembrava da cadeia, do Vidigal e das caçadas das pessoas, não pensava na sua vida amorosa, mas assim que a situação foi se acalmando, descobriu que a cigana era amante do mestre-de-cerimônias e resolveu procurá-la para salvar sua alma. Lá, ela disse Ter sido procurada por vários meirinhos mas nenhum havia lhe agradado. Então, após Ter desejado uma estralada para a mulher, retirou-se jurando vingança.

Dito e feito, contratou Chico-Juca que ganhava para dar pancada e o dia de colocá-lo em ação seria no aniversário da cigana. Após acertar tudo com o brigão, procurou o major Vidigal para falar sobre a festa. O plano deu tão certo que quando os soldados do Vidigal foram revistar o quarto, tiraram de lá, nada menos que o mestre-de-cerimônias em ceroulas, meias pretas e sapatos afivelados. Sem perdão, o padre foi para a casa da guarda.

XVI – SUCESSO DO PLANO

O mestre-de-cerimônias não chegou ao xilindró, pois o Vidigal quis apenas dar-lhe um susto. Como era de se esperar, após a notícia correr rapidamente o mestre-de-cerimônias, todo envergonhado, seguiu pra casa.

Resultado: Leonardo e a cigana reataram o romance, deixando a comadre que tentava lhe enfiar a sobrinha, toda desgostosa.

Quanto ao menino, o ex-sacristão, para desgosto do compadre, ainda estava com o seu destino incerto.

XVII – D. MARIA

As procissões eram multiplicadas na época, era dia de grande festa, de lufa-lufa, de movimento e agitação. e cada uma queria ostentar mais luxo do que a outra, mas as duas procissões mais disputadas pelos espectadores era o grande rancho das baianas, elas não usavam vestidos, traziam somente umas poucas saias presas à cintura e uma finíssima camisa. No pescoço, um cordão de ouro, coral ou miçanga, para as mais pobres. Turbantes, lenços, braços nus com argolas completavam o quadro. A outra na disputa era a procissão dos ourives, nome este devido ao luxo.

Para não perderem o espetáculo, o barbeiro, o afilhado, a comadre e a vizinha dos maus agouros estavam hospedados na casa de D. Maria, uma mulher muito velha e muito gorda, era rica, religiosa e caridosa.

Lá, o menino em um canto, ouvia a conversa e notou a vizinha falando contra ele. Como vingança, pisou na barra da saia da mulher que ao se levantar, rasgou em quatro palmos; a única atitude do barbeiro foi rir e a de D. Maria, falar que o menino não tinha feito de propósito.

Ao saírem D. Maria pediu ao compadre que voltassem para falarem sobre o menino.

O narrador, após alertar o leitor de que mais tarde D. Maria desempenhará um papel importante, salta alguns anos na vida do menino.

XVIII – AMORES

Alguns anos depois, o menino tornou-se um vadio-mestre, vadio-tipo, levando o padrinho ao mais completo desespero.

A comadre conseguiu o que queria, Leonardo Pataca havia se arranjado com a sobrinha.

D. Maria havia envelhecido sofrivelmente e era, na época, tutora de sua sobrinha.

O memorando, agora adolescente, passou a ser tratado pelo nome de batismo, o mesmo do pai, Leonardo. – ***É a partir desse capítulo, quando o protagonista se apaixona, que o narrador começa a tratá-lo pelo nome Leonardo e o pai por Leonardo Pataca.***

O compadre sempre que ia visitar D. Maria, levava o afilhado que por detestar essas visitas, ficava dormindo em um canto, isso foi até conhecer Luisinha, a sobrinha de D. Maria.

Quando Leonardo a viu pela primeira vez, não conteve o riso: era já muito desenvolvida, porém ainda não tinha adquirido a beleza de moça: era alta, magra, pálida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira.

Apesar de rir de Luisinha, quando o padrinho anunciava nova visita à D. Maria, Leonardo pulava de alegria e era o primeiro a ficar pronto.

XIX – DOMINGO DO ESPÍRITO SANTO

Como era Domingo de Espírito Santo, ao chegarem à casa de D. Maria, encontraram todos à janela.

Desta vez, ao ver a moça de branco e com os cabelos, penteados, não conseguiu rir, mas sim apreciar a figura. Ela, por sua vez, continuava em seu inalterável silêncio e concentração.

Mais tarde, os quatro foram ver os fogos.

XX – O FOGO NO CAMPO

Luisinha estava atônita no meio de todo aquele movimento, mas Leonardo a puxava pelo braço.

A moça, desde que Leonardo a conheceu, tinha se portado como muda e não demonstrado nenhuma emoção, mas quando a ceia foi interrompida pelo ronco de um foguete que subia, era o fogo que começava e Luisinha estremeceu e ergueu a cabeça e pela primeira vez, não só falou como também demonstrou algum sentimento.

O fogo não foi só no campo, mas também serviu para aquecer os sentimentos de Luisinha, que chegou ao campo muda e alheia aos sentimentos de Leonardo e agora voltava mãos dadas com o rapaz e falando alegremente. O casal voltava tão distraído que passaram pela porta da casa de D. Maria sem perceber, só voltaram quando a senhora os chamou com *sílos* – **onomatopéia com valor de interjeição**.

Após promessas de voltarem, despedem-se.

XXI – CONTRARIEDADES

Como aqui se faz e aqui se paga, chegou a hora de Leonardo pagar os seus tributos: o rapaz amava Luisinha, mas a apatia da moça havia voltado, não erguia a cabeça e nem tirava os olhos do chão. Segundo o narrador, pela sorte do pai, pode se agourar a de um filho, ou seja a falta de sorte no amor que Leonardo Pataca tinha, parecia ter contagiado Leonardo também.

Inicialmente Leonardo teve vontade de chorar, depois de desenterrar-lhe o queixo do peito e chamá-la de feia, mas simplesmente reduziu tudo a um “*que me importa!*”, assim, fingia ser desprezo o que era despeito.

Nas várias visitas que se seguiram depois da noite do fogo, a situação foi a mesma e só mudou quando o padrinho e o afilhado se depararam, na casa de D. Maria, com uma personagem estranha: um homenzinho com menos de trinta e cinco anos, magro, narigudo, de olhar vivo e penetrante, vestido de calção e meias pretas, sapatos de fivela e chapéu armado; tinha jeito de quem pertencia a uma família de velhacos de quilate. Era uma crônica viva, porém uma crônica escandalosa que sempre desfiava um discurso de duas horas sobre a vida alheia.

O padrinho e o afilhado não gostaram dele desde a primeira vez que o viram. O não gostar aumentava, principalmente em Leonardo, a cada vez que via José Manoel todo cheio de afagos com D. Maria e Luisinha.

O pedantismo com que José Manuel tratava as duas era por um motivo muito simples: D. Maria era velha e rica, Luisinha seria a herdeira e como era muito criança e era muito simples, era a esposa ideal para qualquer espertalhão em disponibilidade. Assim que a sagacidade do padrinho esclareceu Leonardo, ele chegou a afiar as navalhas do barbeiro para cortar o pescoço do rival.

XXII – ALIANÇA

A presença de José Manuel desagradava aos dois homens, e ele já havia percebido que os dois não gostavam dele. Leonardo amava Luisinha e o padrinho via na moça um excelente meio de vida para o rapaz.

Tamanha era a preocupação do compadre que ele foi falar com a comadre que ficou de falar com D. Maria. Foi assim que se formou uma aliança entre o compadre e a comadre para derrotarem o concorrente de Leonardo.

XXIII – DECLARAÇÃO

Enquanto a comadre tecia planos de ataque contra José Manoel, Leonardo se ardia em ciúmes. A única coisa boa era que Luisinha ignorava tudo e continuava indiferente.

Leonardo, paralelo aos planos dos padrinhos, tinha o seu à parte e ficava ensaiando o que dizer à amada quando a oportunidade surgisse. Porám, por mais oportunidades que tivesse, na hora que abria a boca, dava-lhe uma tremedeira nas pernas e um engasgo que o impedia de articular qualquer palavra. Um dia criou coragem e decidiu falar-lhe a primeira coisa que viesse em sua cabeça; a moça estava no vão de uma janela a espiar para a rua; ele se aproximou pé ante pé e parou feito estátua atrás dela, às vezes tentava algum movimento para tocar-lhe, mas esses pequenos esforços faziam-no suar. Passos no corredor fizeram no dar dois pulos pra trás e dar um: *ah!*; Luisinha, tomada pelo susto, também soltou um *ah!*. Depois de inúmeras gagueiras, Leonardo finalmente disse à Luisinha que lhe queria muito bem. Ela, cor de cereja, desapareceu pelo corredor.

XXIV – A COMADRE EM EXERCÍCIO

Leonardo-Pataca estava todo feliz, pois do seu relacionamento com Chiquinha, a sobrinha da comadre, nasceu uma pequerrucha, oposta ao irmão, pois era mansa e risonha.

XXV – TRAMA

Quando a comadre não estava ocupada fazendo partos, ocupava-se em desconceituar José Manuel para D. Maria. Para isso, aproveitando-se de um fato ocorrido na cidade, pôs seu plano em ação e começou a narrar à D. Maria, que uma moça muito rica, que vivia com a mãe orando no Oratório de Pedra, havia enchido uma meia preta com jóias e fugido com um homem. O mistério é que ninguém sabia quem era o tal; então, a comadre, aproveitando-se da curiosidade

da outra, após fazê-la jurar não contar nada a ninguém, disse que o homem que havia fugido com a pobre e ingênua moça, era José Manuel.

XXVI – DERROTA

D. Maria ficou estufada e a comadre satisfeita com o resultado. A fofoca foi interrompida pela chegada de José Manuel, que nem bem havia entrado e começou a falar que andava muito ocupado com uns arranjos mas não podia falar pois era segredo. As duas trocaram olhares significativos.

Luisinha, desde a declaração de Leonardo, sofreu mudanças significativas tanto física quanto psicológica, passou a erguer os olhos, a falar, a mover-se.

De tanto as duas senhoras o cutucarem, José Manuel concordou em lhes falar do seu negócio (*não se pode esquecer de que ele era mentiroso*) desde que elas fossem discretas. Então, disse-lhes que havia sido chamado para ir ao palácio, mas não falou o motivo.

Assim que a comadre saiu, José Manoel questionou D. Maria sobre as palavras duvidosas que ela e a comadre disseram a seu respeito, aí, não teve jeito, D. Maria acabou soltando contra ele todas as acusações possíveis. Ele, incrédulo, jurou e tresjurou que aquilo era mentira, mas D. Maria estava inflexível e José Manuel saiu na carreira.

Luisinha, desde a declaração de Leonardo, sofreu mudanças significativas tanto física quanto psicológica, passou a erguer os olhos, a falar, a mover-se.

XXVII – O MESTRE-DE-REZA

Depois do acontecido na casa da D. Maria, José Manuel reconheceu que tinha ali um inimigo e que o motivo seria a sua pretensão à mão de Luisinha, só faltava saber quem.

Rapidamente José Manuel pôs mãos à obra, ou seja, da mesma forma que Leonardo tinha seus protetores, ele teria um; para tanto, recorreu ao mestre-de-reza de D. Maria, que tinha fama de casamenteiro.

O mestre-de-reza entrou em ação logo à noite, pois enquanto conversava com D. Maria, disse-lhe que sabia quem havia roubado a moça.

XXVIII TRANSTORNO

Enquanto José Manuel agitava a casa de D. Maria, a vida de Leonardo agitava-se tristemente, pois o seu padrinho adoecera.

Como D. Maria não conseguiu curá-lo, chamaram o velho da botica que prometeu curá-lo com umas pílulas.

A comadre não gostou da idéia das pílulas, pois pra ela, as “*pírolas*” só eram receitadas pra casos sérios, pois nunca tinha visto quem as tomasse escapar vivo.

Até certo ponto a comadre estava certa: três dias depois o compadre morreu. Na casa do falecido, Leonardo, todos os amigos, vizinhos e conhecidos estavam aos prantos.

Quando todos se foram, enquanto Leonardo e Luisinha conversavam, D. Maria e a comadre acharam o testamento do compadre e nele, Leonardo era o herdeiro universal do padrinho. Quando Leonardo-Pataca ficou sabendo, apresentou-se para tomar conta do filho, que não gostou da idéia, o pontapé ainda estava vivo na lembrança, mas o fato de ele não gostar, de nada adiantou, pois o pai, não só cuidou do testamento como também ficou com tudo. - *não se pode esquecer-*

se de que além dos mil cruzados, tinha ainda aquele dinheiro do capitão do navio que ele “pegou”.

Nos primeiros dias tudo foram flores, a família estava novamente unida: Leonardo-Pataca, Chiquinha, Leonardo, a irmã e a comadre.

Agora, somente Leonardo e a comadre continuavam as visitas à D. Maria.

A paz familiar durou pouco, pois Leonardo não simpatizava com Chiquinha e ela começou a emburrar com Leonardo, resultado: na casa era a maior balbúrdia.

XXIX PIOR TRANSTORNO

Um dia Leonardo chegara a sua casa mortificado, motivo: ter ficado grande tempo na casa de D. Maria e não ter visto a amada. Isto fê-lo entrar em casa de mal com a vida: ao se sentar jogou a almofada de Chiquinha no chão; esta por sua vez chamou-o de namorado sem ventura e ele não se fez de rogado, espumando de cólera avançou em Chiquinha que disse-lhe Ter raça de salão.

Como Leonardo_pataca estava em casa foi acudir e armado do espadim embainhado, atirou-se sobre o filho. D. Maria chegou mas nada pôde fazer, aliás, só pôde depois, sair à procura do afilhado que tinha sido expulso da própria casa pelo pai.

XXX REMÉDIO AOS MALES

Após o carreirão que levava, o pobre rapaz, vagando pela cidade e pensando em Luisinha e no rival, chegou ao Cajueiro.

Gargalhadas vindas de uma moita tiraram-no do devaneio, procurou e encontrou um grupo de moças e moços sentados em uma esteira jogando baralho.

Com o estômago roncando, ia se afastando quando um deles o chamou, era o seu antigo camarada, Tomás, aquele menino sacristão da Sé. Este apresentou-lhe a irmã, Vidinha, uma mulatinha de 18 a 20 anos, de altura regular, ombros largos, peito alteado, cintura fina e pés pequeninos; tinha os olhos muito pretos e muito vivos, os lábios grossos e úmidos, os dentes alvíssimos, a fala era um pouco descansada, doce e afinada. Por ser cantora de modinhas, pôs-se a cantar:

*Se os meus suspiros pudessem
Aos teus ouvidos chegar,
Verias que uma paixão
Tem poder de assassinar.
Não são de zelos
Os meus queixumes,*

*Nem de ciúme
Abrasador;
São das saudades
Que me atormentam
Na dura ausência
De meu amor.*

Leonardo ouviu a música boquiaberto e talvez por hereditariedade tinha queda para a coisa e nunca mais tirou os olhos da cantora.

XXXI NOVOS AMORES

Leonardo reconhecia agora que havia se inclinado um só instante por Luisinha, mas estava apaixonado por Vidinha, herdara do pai aquela grande cópia de fluido amoroso, sua principal característica.

A nova gente no meio da qual se achava Leonardo, era chamada por ele de “a sua gente”, eram duas famílias compostas por duas irmãs viúvas, uma com três filhos e a outra com três filhas, uma era Vidinha. Todos moravam na mesma casa e os primos faziam três casais completos, mas dois primos se interessavam por Vidinha. Resultado: Leonardo tinha dois rivais.

Lá, ele contou às senhoras toda a sua história e elas acharam Leonardo Pataca um pai de más entranhas.

Depois de ouvirem Vidinha cantar mais uma modinha, Tomás da Sé declarou que Leonardo passaria a noite ali.

Agora que Leonardo está em segurança o narrador ocupa-nos (leitor) de alguma outra coisa importante que estava suspensa – assunto do próximo capítulo.

XXXII – JOSÉ MANUEL TRIUNFA

Enquanto a comadre procurava Leonardo por toda a cidade, o jovem, mirando-se nos olhos de Vidinha, ouvia modinhas. Já era noite fechada e a comadre, cansada, acaba indo à casa de D. Maria. Lá, enquanto entrava, cruzou com o mestre-de-rezas que saía; doeu-lhe o cabelo vê-lo sair àquela hora e concluiu que ele era um emissário de José Manoel junto à corte de D. Maria.

Antes de a comadre tirar a mantilha, D. Maria já disse que sabia que Leonardo havia sumido de casa, provavelmente estaria em algum acampamento cigano e que aquele seu ar de sonso nunca a havia enganado. Diz ainda que a culpa era do barbeiro que não soube criá-lo e ainda chegou a dar razão a Leonardo Pataca por tê-lo expulsado com a espada na mão. A comadre, tentou, inutilmente defender o afilhado.

Como esse assunto jamais se esgotaria, D. Maria mudou repentinamente de assunto, anunciando-lhe que tinha contas a acertar. O acerto foi D. Maria falar à comadre que tudo o que ela havia dito sobre José Manoel era mentira.

A intuição da comadre quanto ao mestre-de-rezas estava certo, fora ele quem inocentou seu cliente, José Manoel à D. Maria.

A comadre desculpou-se alegando ter ouvido a fofoca de alguém e D. Maria pareceu acreditar no arrependimento da amiga, tanto que voltaram ao assunto do pobre rapaz expulso de casa me dessa vez D. Maria não estava tão inflexível.

Para desespero da comadre, a amiga disse-lhe que José Manoel estava bem à frente de Leonardo na corte à Luisinha. Mesmo assim, a comadre não desistiria.

XXXIII – O AGREGADO

Algumas semanas depois, Leonardo já era um agregado na casa de Tomás da Sé. Tudo ia bem, até que a lei das compensações ser surpreendido abraçado com Vidinha, pois isso resultou em briga e ele acabou se atracando com um dos primos enamorado pela moça, convém destacar que a moça era um tanto namoradeira. Isso fez com que os dois primos se aliassem contra o invasor. Após toda a balbúrdia, duas famílias gritando, *fatigatis sed non satiatis* (cansados mas não satisfeitos – queriam brigar mais ainda), Leonardo, já estava na rua com a sua sina de **Judeu Errante**, mas as velhas chamaram-no, não consentindo que ele partisse, pois segundo elas, a casa era dele também. – *Tem-se aí a Leis das compensações, pois apesar de Leonardo ter a antipatia dos dois irmãos, tinha a simpatia das velhas.*

A comadre acabou descobrindo o ninho onde se acolhera o afilhado e foi falar com as duas mulheres.

XXXIV – MALSINAÇÃO

As três velhas, após longa conversa, tornaram-se amigas e a tormenta dos três briguentos cessou e cada vez que a comadre tentava fazer o afilhado voltar para casa com suas pregações, chamando-o de rapaz dos trezentos demos, vira-mundo, valdevinos, um sem ofício nem benefício, as duas velhas se metiam para que ele ficasse. Para a alegria de Vidinha e ira dos primos, Leonardo resolveu ficar.

A comadre ia regularmente visitar Leonardo e as duas novas amigas. Tudo ia as mil maravilhas, porém os dois primos despeitados estavam tramando algo.

Os dois colocaram o plano em ação no dia em que o grupo saiu para uma patuscada: assim que chegaram ao local e iam se preparando para o almoço, ninguém sabe de onde, surgiu a figura alta, magra, severa e sarcástica do major Vidigal. Todos demonstraram um ar de descontentamento, exceto os primos que trocaram um olhar de triunfo.

Passado esse primeiro momento, o major Vidigal, com sua voz descansada perguntou quem ali, era o amigo Leonardo. O rapaz, inocentemente levantou-se e se apresentou e o major anunciou que ele seria levado. Motivo da prisão: não fazer nada e lá se vai o jovem, sob os gritos de Vidinha: - Foi malsinação!

XXXV – TRIUNFO COMPLETO DE JOSÉ MANOEL

Certo sábado à tarde, havia um lufa-lufa na casa de D. Maria. Era o casamento de Luisinha com José Manoel. Toda a vizinhança estava à janela para apreciar o luxo dos noivos, de D. Maria e das carruagens.

Assim que as carruagens partiram, todos se questionavam do paradeiro de Leonardo e se ele havia ficado vendo estrelas.

José Manoel triunfou porque com o sumiço de Leonardo da casa de D. Maria, ele teve espaço e tempo suficientes para agir à vontade, tanto que acabou ajudando D. Maria em uma demanda do testamento de Luisinha (não se pode esquecer de que D. Maria tinha mania de demandas). Como já tinha adquirido a confiança da velha, aproveitou-se e pediu a moça em casamento.

Luisinha estava naquela idade do abatimento, entre 13 e 25 anos e o sumiço de Leonardo fez com que aceitasse, indiferente, a proposta de João Manoel.

XXXVI – ESCAPULA

Enquanto o casal está no gozo tranquilo da lua-de-mel e D. Maria faz cálculos aritméticos aconselhando a sobrinha, que indiferente ouve, Leonardo, a caminho da cadeia, ao ouvir uma confusão, teve uma vertigem, seus ouvidos zuniram, deu um encontrão no granadeiro e fugiu.

Pouco depois estava na casa de Vidinha. Vidigal foi às nuvens, urrava, nunca nenhum garoto havia conseguido fugir. Jurara vingança.

O major Vidigal entrou com os granadeiros em uma casa à procura de Leonardo, o que ocorreu lá é assunto do próximo capítulo.

XXXVII – O VIDIGAL DESAPONTADO

Todos riram quando o major Vidigal, após vasculhar uma casa, saiu de mãos vazias.

Uma multidão imensa, rindo estrondorosamente, cantava:

*“Passarinho foi-se embora,
Deixou-me as penas na mão.”*

Quando o major ia entrando na casa da guarda, a comadre atirou-se aos seus pés e em prantos pedia a libertação do afilhado.

Todos que a ouviam, riam e quando o major disse que ele havia fugido, ela saiu toda sorridente.

XXXVIII – CALDO ENTORNADO

Assim que a comadre chegou à casa de Vidinha, todos puseram-se a rir, mas após a alegria, a comadre começou a passar-lhe um sermão, afirmando que Leonardo tinha que arranjar alguma ocupação, caso contrário cairia nas unhas do Vidigal.

Leonardo prometeu se emendar.

Poucos dias depois, a comadre arranhou-lhe um emprego de servidor na ucharia real (*depósito de mantimentos do rei*). Assim achou-se Leonardo instalado no seu posto, muito cheio e contente de si.

Mesmo assim, o major, mordendo os beiços, não o perdia de vista.

Com o novo emprego, a despensa de Vidinha ficou abarrotada, ou seja ele tirava de lá e abastecia a casa da moça.

No pátio da ucharia morava um toma-largura na companhia de uma moça bonita. Acontece que o homem era extremamente bruto e Leonardo interessou-se pela moça e foi correspondido. – *Leonardo era mulherengo*

A assiduidade do novo empregado na sua repartição era estranhada por Luisinha.

Um dia, quando toma-largura havia saído sem horas para voltar, Leonardo, “na mais pureza dos sentimentos” foi à casa levar uma tigela de caldo para a moça. De repente a porta se abre, era o toma-largura; a moça entornou o caldo, Leonardo pôs-se a correr, gritos, pratos quebrados por todos os lados. Leonardo atravessou o pátio às carreiras e toma-largura atrás.

No dia seguinte Leonardo foi despedido da ucharia.

XXXIX – CIÚMES

No dia seguinte o Vidigal já sabia de tudo e pôs-se em alerta.

Em casa, Vidinha, enfurecida pelo ciúmes, pediu a mantilha da mãe para ir à ucharia falar com toma-largura. Leonardo que ouvia tudo, sem resultado pediu à moça que não fosse,

como ela não obedecesse, o rapaz, pôs-se em seu encalço. No caminho, sem que Vidinha percebesse, o major Vidigal apanhou Leonardo.

XL – FOGO DE PALHA

Enquanto Leonardo era obrigado a seguir o “seu destino”, Vidinha já estava na ucharia. Lá, após pôr a mantilha sobre uma cadeira, investiu sobre a moça do caldo, chamando-a de criatura sem sentimentos. Toma-largura, ouvindo as apóstrofes de Vidinha, foi ver o que ocorria. Por mais arrogante que fosse a sua voz e por mais hercúlea que fosse a sua figura, Vidinha não recuou e o homem ao ver o estado de Vidinha, começou a falar mais mansamente.

Toma-largura parecia pertencer à família dos Leonardos, pois ficou enternecido pela moça. Sem o resultado esperado, Vidinha deixou o local, toma-largura também, ele estava encantado com a moça, se ele conseguisse um pouco do amor da moça, não só se vingaria de Leonardo como também satisfaria seu desejo. Por fim, toma-largura alcançou Vidinha, agora sabia de sua morada.

XLI – REPRESÁLIAS

Em casa, deparou-se com a família no maior susto e confusão. Enquanto Vidinha contava sua aventura, todos sentiram falta de Leonardo e reconheceram que ele deveria estar com o Vidigal. Resolveram esperar por Tomás da Sé.

O narrador explica ao leitor que a ausência desse último personagem foi de propósito, para mostrar que ele não tinha participado de nenhuma confusão da família.

No dia seguinte mandaram saber dele na casa da guarda, mas ele não estava lá, procuraram-no por todos os pontos e nada. Por fim foram à casa da comadre, mas a pobre mulher, a tudo ignorava.

Agora a madrinha também pôs-se a procurar pelo afilhado. Como ninguém soubesse do seu paradeiro, começaram a achar que ele havia se escondido de propósito e até as duas velhas chegaram a nutrir ódio por ele.

Com o sumiço de Leonardo, Vidinha chegava a ver toma-largura duas vezes por dia. Pouco tempo depois os familiares da moça já gostavam dele e ele passou a frequentar a casa.

Certo dia resolveram sair para uma patuscada e convidaram toma-largura, mas o problema era que quando ele estava alegre, bebia além da conta e ficava valentão e desordeiro. Dito e feito, durante o jantar, não se sabe por qual motivo, sentiu-se ofendido e armou a maior confusão, era uma algazarra infernal. De repente, das moitas, o Vidigal surge com seus homens, dentre eles um granadeiro se aproxima de toma-largura e diz-lhe que ainda não haviam acertado as contas do caldo. Para surpresa geral, esse granadeiro era Leonardo.

XLII – O GRANADEIRO

Como toma-largura estivesse bêbado, caiu estirado na calçada e o seu tamanho colossal, mais o fato de ser gente da casa real, fez com que os granadeiros deixassem-no ali.

Convém agora, um leve flash-back para saber como Leonardo se tornou um granadeiro. Foi simples: naquela noite foi agarrado pelo Vidigal na porta da ucharia e levado para um lugar seguro, de onde só sairia para sentar praça no Regimento Novo, pois o Vidigal pressentira no rapaz, um ótimo auxiliar, pois era um astuto natural e conhecia a escola da vadiação e peraltismo.

A sua primeira diabrura ao vestir a farda foi quando os gaiatos e suciantes da cidade, por serem caçados freqüentemente pelo major, resolveram imortalizar as façanhas de Vidigal, inventando um fado com o estribilho: “*Papai lelê seculorum.*”

Nesse fado, o major era a personagem principal e figurava como morto; o major, sabendo disso, resolveu tirar a desforra de tal gracejo e um dia, ao ter uma denúncia de que uma casa faria um rigoroso papai lelê, combinou com três granadeiros o sinal de positivo ou negativo, que um passaria ao outro à medida em que se aproximassem do local. Dos granadeiros, Leonardo seria o mais próximo do inimigo e foi dele que saiu o sinal negativo, não havia nada no local. Todos os granadeiros se reuniram ao major, menos Leonardo e após hora de espera, o major cismou e resolveu ir ao local e pegou todos com a boca na botija.

O personagem que representava o Papai estava amortilhado num lençol, com a cabeça coberta e deitado no chão e a chusma em volta a cantar e dançar, mas nada do morto levantar. Quando o major descobriu a cara do Papai, gritos e gargalhadas estouraram. O morto, o Papai era “nosso” amigo Leonardo.

XLIII – NOVAS DIABRURAS

Inacreditavelmente, nada aconteceu a Leonardo.

Um dia o major anunciou que tinha uma grande e importante diligência a fazer. Era prender um banqueiro de jogo e cantor satírico chamado Teotônio. Ele tinha fama de divertido, tocava viola, cantava modinhas muito bem e dançava o fado com perfeição, fingia-se aleijado de qualquer parte do corpo, imitava a fala de todos e era um perfeito mímico; o seu maior sucesso era imitar o Vidigal. Não havia festa que Teotônio não fosse convidado.

A diligência seria na casa de Leonardo pataca, na festa de batizado de sua filha.

O pior disso tudo era que Leonardo fora incumbido de entrar na casa e dar sinal para que invadissem e prendessem o homem. Leonardo se sentia um Judas e como tivesse pena de Teotônio, acabou contando o plano do major, assim, o artista conseguiu enganar o major saindo disfarçado de corcunda.

Mais uma vez Leonardo consegue enganar o Vidigal.

XLIV – DESCOBERTA

Um mau amigo é pior do que um inimigo, pois um dos convidados de Leonardo-Pataca que se dizia muito amigo de Teotônio, por ciúmes de Leonardo, ao ver que Teotônio fugiu, correu a abraçar Leonardo para cumprimentá-lo pelo sucesso do plano. O jovem granadeiro ficou estático e em seguida, foipreso.

Enquanto caminha para o quartel, como será que estão Luisinha e sua gente? – Pergunta o narrador.

Resposta: tudo eram rosas, mas pouco depois da lua-de-mel, José Manuel pôs as manguinhas de fora e de posse da moça e da herança, mudaram-se da casa de D. Maria.

Agora que os dois estavam sozinhos, ele se tornou um marido-dragão, não permitindo que a esposa sequer saísse à rua. A moça chorava pela liberdade.

Certo dia na missa, a comadre e D. Maria se encontraram e voltaram a se falar. Uma falava das desgraças de Leonardo e a outra das de Luisinha e ambas, passaram a tecer planos para libertar Leonardo.

XLV – EMPENHOS

Primeiro a madrinha foi falar com o major e horrorizada ficou sabendo que ele ficaria preso por muito tempo e levaria chibatadas. Em prantos procura por D. Maria.

Como o major era um pecador antigo, como última tentativa, as duas amigas foram falar com o grande amor de Vidigal, a Maria-Regalada.

Lá chegando puseram a mulher a par de tudo e as três, na cadeirinha, puseram-se rumo à casa do major.

XLVI – AS TRÊS EM COMISSÃO

Lá chegando, o major recebeu-as de rodaque de chita e tamancos, mas quando reconheceu as três, correu o mais que pôde para pôr a farda. Na pressa retornou à sala de farda, calças de enfiar, tamancos e um lenço de alcobaça nos ombros.

As três mulheres, chorando em um único coro, pediam a soltura de Leonardo, mas o major estava irredutível, até que Maria-Regalada chamou-o a um canto da sala e cochichou-lhe algo. Bastou um cochicho de Maria-Regalada para a liberdade de Leonardo.

Quando as três se retiravam cheias de contentamento, o major aproveitou para anunciar que elas ficariam mais felizes ainda.

XLVII – A MORTE É JUIZ

Nem bem chegou à sua casa, D. Maria, toda atrapalhada, teve que sair. José Manuel havia morrido.

Luisinha pôs-se a chorar, mas como choraria por qualquer vivente, porque tinha coração terno. Isso bastou para que uma vizinha dissesse a outra que não eram lágrimas de viúva. A afirmação era correta, pois José Manuel nunca fora marido de Luisinha, senão por conveniência.

À saída do enterro, os escravos fizeram a maior algazarra e a vizinhança à janela, verificava o luxo do enterro.

Ao entardecer, para espanto de D. Maria, Leonardo entrou na sala, estava livre das garras do major e ainda por cima, promovido a sargento.

Os olhos de Leonardo encontraram-se com os de Luisinha. Como Leonardo estava de serviço, só puderam conversar um pouco.

XLVIII – CONCLUSÃO FELIZ

Luisinha e Leonardo haviam reatado o antigo namoro e namoro de viúva anda depressa.

Como sargento não podia se casar, foram à casa de Maria-Regalada pedir ajuda e lá encontraram o major em rodaque e tamancos.

Agora sim o segredo cochichado no ouvido foi revelado.

Após conversarem o major concordou em dar baixa ao Leonardo; de sargento de tropas, seria sargento de milícias.

Pouco tempo depois, Leonardo e Luisinha se casaram.

Daí por diante, aconteceu o reverso da medalha: Leonardo Pataca devolveu os bens do filho, D. Maria e Leonardo Pataca morreram e mais uma enfiada de acontecimentos tristes que convém poupar e ponto final.

ANÁLISE DA OBRA:

Foco narrativo:

- **3ª pessoa:** o narrador-observador, juízo crítico e gozador, interfere, brinca e ironiza as situações em que os personagens se envolvem, onde muitas vezes dá a sua opinião em tom de deboche.

Ex.: “...Fazia um belo efeito cômico vê-lo, em trajes do ofício, de casaca, calção e espadim, acompanhando com um monótono zum-zum nas cordas do instrumento o garganteado de uma modinha pátria.”

- **1ª pessoa do plural:** o narrador, muitas vezes irônicos, como se aliado as picardias do protagonista, dá a sua opinião e tece comentários, pedindo a cumplicidade do leitor.

Ex.: “ E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história”.

- **Técnica do leitor incluso:** o narrador conversa com o leitor.

EX.: “porque nela tocamos de passagem no primeiro capítulo: é a comadre, a parteira que, como dissemos, servira de madrinha ao nosso memorando.”

Narrador:

O autor, vivendo na segunda metade do século XIX, narra as memórias de um ex-militar português que viveu no Brasil na primeira metade do século em questão. Logo, narrador e protagonista não viveram em uma mesma época.

Tempo:

“Era tempo do rei...” - a história se passa na época em que D. João VI esteve no Brasil (1808 – 1821) , Lembremo-nos de que o herói da obra e o narrador não viveram em uma mesma época.

Tempo literário: cronológico.

Tempo histórico: época de D. João VI no Brasil.

O Romantismo brasileiro, prosa de ficção se iniciou em 1854. O livro foi publicado em folhetins entre 1852 e 1853 e apareceu em forma de livro em 1854 e 1855.

O autor-narrador, vivendo na segunda metade do século XIX, narra as aventuras de um ex-militar na primeira metade do século XIX, quando a família real estava no Brasil (1808-1821), então o narrador e as aventuras picarescas no protagonista não viveram em uma mesma época, por isso, durante toda a narrativa o autor compara o passado, época do protagonista, com sua época, o momento presente.

Espaço:

Rio de Janeiro, na época do rei. O espaço aliado ao tempo faz com que a obra adquira um caráter de crônica, pois voltando a um passado não muito distante, remonta o espaço urbano carioca na época da família real no Brasil: festas, procissões e o hábito de espreitar a vida alheia através das janelas.

Linguagem:

Coloquial e direta, registrando com fidelidade o português popular da época. Percebe-se uma mistura de oralidade, coloquialidade e tom de crônica jornalística, que fazem a linguagem romântica se afastar da obra para aproximá-la da linguagem modernista, como exemplo pode-se citar, *Macunaíma*, de Mário de Andrade

Ex.:

“ *Pírolas, disse consigo: então o negócio é sério; e eu, que tenho má fé com pírolas; ainda não vi uma pessoa que as tomasse que escapasse.*”

“*...doeu-lhe o cabelo vê-lo sair àquela hora.*”

Intertextualidade:

“*o pobre homem era um padre de meia idade formado em Coimbra na mais austeridade da igreja católica, poderia fornecer a **Bocage** assunto para um poema inteiro; pois apesar de, aparentemente, buscar por assunto a honestidade e a pureza corporal, a sua essência era sensual...*” – **Bocage**: poeta árcade português que também escrevia poesias satíricas, criticando a igreja e a nobreza.

“*Pesava sobre o infeliz dedes criança uma espécie de sina de **Judeu Errante**.*”- **Judeu Errante**, figura do folclore islâmico, **Ahasverus** – condenado por Cristo a vagar eternamente sobre a terra.

Discurso indireto livre:

Fala interior dos personagens, na obra em questão esse recurso narrativo desnuda a essência dos personagens, é o que acontece nessa fala do barbeiro:

Ex: “*Verdade é que eu arranjei-me (há neste arranjei-me uma história que havemos de contar), porém não o quero fazer escravo dos quatro vinténs dos fregueses... Seria talvez bom mandá-lo ao estudo... porém para que diabo serve o estudo? Verdade é que ele parece ter boa memória, e eu podia mais para diante mandá-lo a Coimbra... Sim, é verdade... eu tenho aquelas patacas; estou já velho, não tenho filhos nem outros parentes... mas também que diabo se fará ele em Coimbra? licenciado não: é mau ofício; letrado? era bom... sim, letrado... mas não; não, tenho zanga a quem me lida com papéis e demandas... Clérigo?... um senhor clérigo é muito bom... é uma coisa muito séria... ganha-se muito... pode vir um dia a ser cura. Está dito, há de ser clérigo... ora, se há de ser; hei de ter ainda o gostinho de o ver dizer missa... de o ver pregar na Sé, e então hei de mostrar a toda esta gentalha aqui da vizinhança que não gosta dele que eu tinha muita razão em lhe querer bem. Ele está ainda muito pequeno, mas vou tratar de o ir desasnando aqui mesmo em casa, e quando tiver 12 ou 14 anos há de me entrar para a escola.*”

Características da obra:

A obra, apesar de pertencer ao Romantismo brasileiro, possui características que fogem do mesmo:

realistas:

- A ironia com que desnuda a classe média, assemelha-se a Machado de Assis.

• A volta ao passado possui caráter documental (realidade).

• Crítica à decadência moral do clero e essência x aparência:

EX.: “... mestre-de-cerimônias, de figura menos má, filho da Ilha Terceira, porém que se dava por puro alfacinha: tinha-se formado em Coimbra; por fora era um completo São Francisco de austeridade católica, por dentro refinado Sardanápalo, que podia por si só era pregador que buscava sempre por assunto a honestidade e a pureza corporal em todo o sentido; porém interiormente era sensual como um sectário de Mafona. O público ignorava talvez semelhante coisa, porém outro tanto não acontecia aos dois meninos, que andavam ao fato de tudo: o mestre-de-cerimônias, fiado em que pela sua pouca idade dariam eles pouca atenção a certas coisas, tinha-os algumas vezes empregado no seu serviço, mandando recados a uma certa pessoa que, saiba o leitor em segredo, era nada menos do que a cigana, objeto dos últimos cuidados do Leonardo, com que S. Rev.ma vivia há certo tempo em estreitas relações, salvando, é verdade, todas as aparências da decência.” - o padre, respeitado por todos, aparentemente, levava uma vida austera, mas às escondidas era amante da cigana de Leonardo-Pataca.

• Crítica ao Romantismo:

“...respeito melhor aquinhoado; mas o homem era romântico, como se diz hoje, e babão, como se dizia naquele tempo; não podia passar sem uma paixõzinha.” - mais uma vez o narrador compara o passado, época em que se passa a história, com o presente, época em que ele vivia.

O termo *romântico*, na época do narrador significa babão e já na época de Leonardo Pataca, seria por ele não conseguir ficar sem uma paixõzinha...

Crítica à idealização feminina: “era já muito desenvolvida, porém ainda não tinha adquirido a beleza de moça: era alta, magra, pálida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira.”

- Determinismo: também presente em Macunaíma e Memórias Póstumas de Brás Cubas – a educação recebida em criança por Leonardo, Macunaíma e Brás Cubas, refletirá no comportamento adulto – os três são mimados.
- Determinismo: a hereditariedade do meio: “Leonardo, que talvez por hereditariedade tinha queda por aquelas coisas, ouviu boquiaberto a modinha, e tal impressão lhe causou, que depois disso nunca mais tirou os olhos de cima da cantora.”
- Zoomorfismo: “Após **ruminar** por muito tempo essa idéia...”
- Crítica ao charlatanismo da época: IV O FORTUNA - “O morador dessa tapera era um feiticeiro, um caboclo velho, que conforme crença da época, tinha por ofício dar fortuna”. – **Se esse feiticeiro tinha poder para dar riqueza, porque ele vivia em uma condição tão miserável? - Crítica ao charlatanismo da época. Machado de Assis também faz essa crítica em várias obras, ex.: Memórias póstumas de Brás Cubas e a cartomante.**

Fogem do Romantismo:

• Lei das compensações:

gerada pela necessidade de sobrevivência e política do favor: Os personagens não aparecem como classes dominante e a dominada, mas como o povo e age de acordo com a necessidade; os personagens são desprovidos de moralismos e escrúpulos, pois suas virtudes compensam seus deslizes: *O compadre, no passado, prometeu a um capitão moribundo, levar os títulos à sua filha, mas sabendo que a moça desconhecia a natureza da herança, “pegou” o dinheiro para si, esse seu deslize foi compensado por uma boa ação: teve que criar seu sobrinho. Outro exemplo é o major Vidigal, que libertou Leonardo em troca dos favores de Maria-Regalada e também, ao ser surpreendido em trajes inadequados à sua profissão, concordou em mudar o posto de Leonardo.*

Ex.:

“Procurou fazer o que pudesse por ela para satisfazer todos os seus escrúpulos de pai honrado, porém quis fazê-lo ocultamente. Foi ter com a comadre, a quem já conhecia, e a encarregou de o avisar apenas sentisse que a Maria sofria qualquer necessidade. Nunca porém teve ocasião de exercer a sua boa vontade diretamente para com ela. Apenas tinha feito ao Leonardo um pequeno favor em ocasião em que este se achava embaraçado por causa de umas irregularidades em uns autos que se lhe atribuía, e que a comadre o aconselhou de procurá-lo mesmo sem o conhecer, a título de que era muito bom homem e amigo de servir a todos.” – O sr. Tenente-coronel, quando em Portugal, deu dinheiro à Maria da Hortaliça para que ela embarcasse para o Brasil, impedindo assim que ela se casasse com ele, em compensação, quando o velho vem com a família real para o Brasil, passa a fazer de tudo para que nunca faltasse nada à Maria da hortaliça.

A lei das compensações também pesava constantemente em Leonardo, pois a cada passo dado encontrava contrariedades e antipatias / simpatias e favores.

- Não retrata os costumes da burguesia carioca do século XIX, mas sim do povo.
- Personagens fogem do ideal de beleza romântico, não são idealizados fisicamente, nem representam a boa moral: **Ex.:** *“Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rechonchuda e bonita.*
- Os personagens não se dividem em Herói X Vilão.
- Edificação moral no final: não se sabe se é efetiva, visto que o narrador é quem encerra a narrativa com um ponto final. **Ex.:** *“Daqui em diante aparece o reverso da medalha. Seguiu-se a morte de d. Maria, a do Leonardo-Pataca, e uma enfiada de acontecimentos tristes que pouparemos aos leitores, fazendo aqui ponto final.”*

Personagens:

Os personagens encaixam-se na categoria de tipos alegóricos - personagens que representam um tipo de comportamento ou classe social, na obra eles se identificam ou pela função ou têm uma profissão aliada ao nome.

Ex: *“era o Leonardo-Pataca. Chamavam assim a uma rotunda e gordíssima personagem de cabelos brancos e carão avermelhado, que era o decano da corporação, o mais antigo dos meirinhos que viviam nesse tempo. A velhice tinha-o tornado moleirão e pachorrento; com sua vagareza atrasava o negócio das partes; não o procuravam; e por isso jamais saía da esquina; passava ali os dias sentado na sua cadeira, com as pernas estendidas e o queixo apoiado sobre uma grossa bengala, que depois dos cinquenta era a sua infalível companhia. Do hábito que tinha de queixar-se a todo o instante de que só pagassem por sua citação a módica quantia de 320 réis, lhe viera o apelido que juntavam ao seu nome.”*

Protagonista:

• **Leonardo:** na infância, o autor não menciona seu nome, tratando-o por **menino** e o pai, às vezes Leonardo, outras, Leonardo pataca. Assim que o protagonista se apaixona por Luisinha (cap. XVIII, Amores), passa a ser tratado por Leonardo e o pai, Leonardo pataca. Anti-herói, herói às avessas, herói picaresco - preguiçoso, mulherengo e vingativo. Assemelha-se a Macunaíma, de Mário de Andrade e a Brás Cubas, de memórias póstumas de Brás cubas de Machado de Assis.

Secundários:

• **Leonardo-Pataca :** oficial de justiça, sentimental, sempre enroscado em suas paixões.

• **Maria-da-Hortaliça:** mãe do herói, é a *“saloia rechonchuda e bonitota, quitandeira das praças de Lisboa.”* – o seu comportamento em nada se assemelha ao Romantismo: desembarca do navio grávida, vai morar com Leonardo-Pataca, torna-se adúltera e acaba fugindo com um capitão, deixando o filho aos cuidados do pai.

• **Major Vidigal:** único personagem rigorosamente histórico. Temido e respeitado por todos, está sempre atrás de vagabundos e desordeiros. Severo punidor, representa a ordem, é, ao mesmo tempo, policial e juiz.

Ex: *“O major Vidigal era o rei absoluto, o árbitro supremo de tudo que dizia respeito a esse ramo de administração; era o juiz que julgava e distribuía a pena, e ao mesmo tempo o guarda que dava caça aos criminosos; nas causas da sua imensa alçada não haviam testemunhas, nem provas, nem razões, nem processo; ele resumia tudo em si; a sua justiça era infalível; não havia apelação das sentenças que dava, fazia o que queria, e ninguém lhe tomava contas. Exercia enfim uma espécie de inquirição policial.”*

“Era um homem alto, não muito gordo, com ares de moleirão; tinha o olhar sempre baixo, os movimentos lentos, e voz descansada e adocicada. Apesar deste aspecto de mansidão, não se encontraria por certo homem mais apto para o seu cargo inquisidor.”

• **Comadre:** madrinha e parteira de Leonardo, ela vive livrando o afilhado e Leonardo Pataca dos enroscos em que se metiam.

Ex.: *“Era a comadre uma mulher baixa, excessivamente gorda, bonachona, ingênua ou tola até um certo ponto, e finória até outro; vivia do ofício de parteira, que adotara por curiosidade, e benzia de quebranto; todos a conheciam por muito beata e pela mais desabrida papa-missas da cidade.”*

- **Compadre Barbeiro:** padrinho e protetor do protagonista. É ele quem cria o menino quando o pai o abandona.

Ex.: "... tinha já 50 e tantos anos, nunca tinha tido afeições; passara sempre só, isolado; era verdadeiro partidário do mais decidido celibato. Assim à primeira afeição que fora levado a contrair sua alma expandiu-se toda inteira, e seu amor pelo pequeno subiu ao grau de rematada cegueira. Este, aproveitando-se da imunidade em que se achava por tal motivo, fazia tudo quanto lhe vinha à cabeça."

- **D. Maria:** senhora, rica e bondosa. Tia e tutora de Luisinha, amiga do compadre e da comadre. Era apaixonada por causas judiciais. Tia e tutora de Luisinha, amiga da comadre e do compadre.

- **Luisinha:** primeiro amor de Leonardo, primeiro se casa com José Manuel e viúva, com Leonardo. Suas características fogem da idealização dos modelos românticos: era feia, pálida e desajeitada.

Ex.: "... tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça: era alta, magra, pálida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira. Trajava nesse dia um vestido de chita roxa muito comprido, quase sem roda, e de cintura muito curta; tinha ao pescoço um lenço encarnado de Alcobaça".

É uma personagem calada e também que não expressa seus sentimentos.

Ex.: "Luisinha estremeceu, ergueu a cabeça, e pela primeira vez deixou ouvir sua voz, exclamando extasiada ao ver cair as lágrimas inflamadas do foguete que aclaravam todo o Campo;"

- **José Manuel:** primeiro marido de Luisinha, um caça-dotes, representa uma crítica à burguesia.

- **Vidinha:** mulata, cantora de modinhas, segunda paixão de Leonardo. Morava no morro.

Ex.: "Vidinha era uma rapariga que tinha tanto de bonita como de movediça e leve: um soprozinho, por brando que fosse, a fazia voar, outro de igual natureza a fazia revoar, e voava e revoava na direção de quantos sopros por ela passassem; isto quer dizer, em linguagem chã e despida dos trejeitos da retórica, que ela era uma formidável namoradeira,..."

"Vidinha, uma mulatinha de 18 a 20 anos, de altura regular, ombros largos, peito alteado, cintura fina e pés pequeninos; tinha os olhos muito pretos e muito vivos, os lábios grossos e úmidos, os dentes alvíssimos, a fala era um pouco descansada, doce e afinada." – sua descrição foge da espiritualização romântica, aproximando-a da mulher tropical e sensual.

- **Chiquinha:** filha de D. Maria e esposa de Leonardo-Pataca. Ela e Leonardo não combinam

- **Maria-Regalada:** amante de Vidigal.

- **Outros personagens:** a **cigana** (amante de Leonardo-Pataca e depois reata com Vidigal, a vizinha,

o *mestre-de-rezas, Tomás da Sé, o Mestre-de-rezas, o toma-largura, Teotônio*, etc.

QUESTÕES:

1 - "O major recebeu-as de rodaque de chita e tamancos, não tendo a princípio suposto o quilate da visita; apenas porém reconheceu as três, correu apressado à camarinha vizinha, e envergou o mais depressa que pôde a farda; como o tempo urgia, e era uma incivildade deixar sós as senhoras, não completou o uniforme, e voltou de novo à sala de farda, calças de enfiar, tamancos, e um lenço de Alcobaça sobre o ombro, segundo seu uso. A comadre, ao vê-lo assim, apesar da aflição em que se achava, mal pôde conter uma risada que lhe veio aos lábios...."

- a) Por que as três mulheres foram à casa do Major Vidigal?
- b) Dentre as três, uma é de importância fundamental, é ela quem convence o Major Vidigal. Quem é a mulher e porque esta consegue persuadi-lo?

2 - "Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rechonchuda e bonita. (...)"

"Leonardo lançou-lhe os olhos, e a custo conteve o riso. Era a sobrinha de D. Maria já muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça: era alta, magra, pálida; andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira. Trajava nesse dia um vestido de chita roxa muito comprido, quase sem roda, e de curta; tinha ao pescoço um lenço encarnado de Alcobaça."

Memórias de um Sargento de Milícias pertence ao Romantismo brasileiro, prosa de ficção, encaixando-se no romance urbano, social ou de costumes, que tem por finalidade retratar os costumes da burguesia carioca do século XIX, portanto:

- a) O modo como o narrador descreve as duas mulheres se encaixam no Romantismo? Justifique.
- b) Como se classificam os personagens de Memórias de um Sargento de Milícias? Por quê?

- Os fragmentos abaixo referem-se às questões 3 e 4

"— "Era tempo do rei...Mas voltemos à esquina. Quem passasse por aí em qualquer dia útil dessa abençoada época veria sentado em assentos baixos, então usados, de couro, e que se denominavam cadeiras de campanha-um grupo mais ou menos numeroso dessa nobre gente conversando pacificamente em tudo sobre que era lícito conversar: na vida dos fidalgos, nas notícias do Reino e nas astúcias policiais do Vidigal...."

Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos."

"O pequeno, enquanto se achou novato em casa do padrinho, Portou-se com toda a sisudez e gravidade; apenas porém foi tomando mais familiaridade, começou a pôr as manguinhas de fora. Apesar disto porém captou do padrinho maior afeição, que se foi aumentando de dia em dia, e que em breve chegou ao extremo da amizade cega e apaixonada. Até nas próprias travessuras do menino, as mais das vezes malignas, achava o bom do homem muita graça; não havia para ele em todo o bairro rapazinho mais bonito, e não se fartava de contar à vizinhança tudo o que ele dizia e fazia; às vezes eram verdadeiras ações de menino malcriado, que ele achava cheias de espírito e de viveza; outras vezes eram ditos que denotavam já muita velhacaria para aquela idade, e que ele julgava os mais ingênuos do mundo."

3 -

- a) Quais são e qual a importância dos focos narrativos usados pelo autor no fragmento acima?
- b) Através do título, cite o tempo histórico em que acontece a ação da obra. O narrador teria vivido na mesma época das peripécias do protagonista? Explique.

4 -

- a) Que tipo de herói (como é classificado) e apresentado em Memórias de um sargento de milícias? Por quê?
- b) De que maneira a “amizade cega e apaixonada” do padrinho pelo afilhado irá influenciar na classificação do herói da obra? Explique, inserindo o Determinismo.

5 - “...e mais uma enfiada de acontecimentos triste que convém poupar e ponto final.”

- a) Baseando-se no fragmento acima, pode-se afirmar que houve edificação moral no final? Justifique
- b) A obra, em si, possui várias características opostas a própria época em que foi escrita. Logo, cite episódios que criticam o Romantismo, à igreja e a idealização romântica.

6 - Explique a lei das compensações presente na obra

7 - Caracterize e compare com o Romantismo as seguintes personagens:

Maria da hortaliça:

Luisinha

Vidinha

A comadre

8 - Qual é a importância do velho tenente coronel na obra e qual a sua ligação com Leonardo?